

Felipe Augusto de Paula Oliveira

Orientador: Luciana Carvalho

**INTANGIBILIDADE E O DESEMPENHO DAS EMPRESAS DE CAPITAL ABERTO
NO BRASIL**

INTANGIBILIDADE E O DESEMPENHO DAS EMPRESAS DE CAPITAL ABERTO NO BRASIL

Felipe Augusto de Paula Oliveira
Orientador: Luciana Carvalho

A economia está passando por alguns processos de mudanças como as inovações, capital intelectual, concorrências, variáveis do setor econômico, entre outros, e com isso, ocorre um aumento do valor do conhecimento. Essas mudanças estão ligadas a inovações, capital intelectual, concorrência, entre outros fatores e acabam influenciando as organizações em suas decisões. Em termos contábeis, esse conhecimento é, na maioria das vezes, quantificado nos ativos intangíveis, que são denominados como sendo bens e direito da empresa, expresso em moedas e não possuem existência física como as marcas por exemplo. Diante disto, o presente artigo tem como objetivo verificar a relação da intangibilidade com o desempenho econômico das empresas de capital aberto no Brasil. O procedimento metodológico utilizado foi a pesquisa quantitativa com cunho descritivo. Utilizou-se a base de dados Economatica para a coleta, considerando-se o ano de 2018 e 2017, com variáveis defasadas (ou seja, utilizou-se uma variável do ano de 2017, um ano mais antigo). Os resultados revelaram que não existe uma relação significativa entre a intensidade do intangível e o grau de intangibilidade com o desempenho econômico de empresas brasileiras. No entanto, ao inserir a variável de intensidade do intangível defasada, a relação mostrou-se significativa e positiva.

Palavras-chaves: Ativo Intangível, Desempenho das Empresas, Capital Aberto

1. Introdução

Os autores Antunes e Martins (2002) apontam que a economia está passando por alguns processos de mudança, aumentando, assim, o valor do conhecimento sobre ativos intangíveis enquanto recurso econômico. Com isto, o tema vem sendo bastante estudado, especialmente na relação entre intangibilidade e desempenho das empresas. Muitas variáveis do setor econômico têm sofrido mudanças drásticas em um curto espaço de tempo, nos últimos anos. Tais mudanças se referem a inovações, capital intelectual, concorrência e outros temas afins. Estas mudanças acabam por influenciar as organizações que buscam se

diferenciar no mercado, por meio de vantagens competitivas que as destaquem em meio à concorrência.

Segundo Machado e Famá (2011), este ambiente competitivo faz com que as organizações foquem em seus esforços para governar melhor seus ativos intangíveis. Lev (2001) aponta que os ativos intangíveis são ligados à concorrência, pelo fato do surgimento de novas tecnologias e pela globalização, fazendo com que as empresas se estruturam com base nos ativos intangíveis que promovem uma agregação de valor para a empresa, no mercado.

Hayes e Pisano (1994) e Ensslin (2002) apontam que fatores como conhecimento, flexibilidade e rapidez são necessários para que as empresas consigam alcançar e sustentar uma vantagem competitiva, em especial, aquelas empresas que contem produtos de alto valor agregado. Logo, o que define a complexidade do contexto é a atualidade.

Sveiby (2000) complementou informando que esses fatores estão baseados nos ativos intangíveis, que devem ser tratados com cautela, pois, conforme Cunha (2006), as organizações, cujo valor está consideravelmente centralizado nesta categoria de ativo, são organizações mais competitivas dentro do mercado. Porém, para Martins (2012), a valorização econômica dos ativos intangíveis é um assunto controverso, pela ausência de regulamentação. Entretanto, o verdadeiro desafio é quando esses ativos intangíveis são investigados, pois é necessário conciliar as avaliações dos ativos e o que os controladores pretendem com essas avaliações.

Vários autores estudados no referencial teórico, garantem que os ativos intangíveis estão ligados diretamente com a criação de riquezas da organização, sendo ainda responsáveis pela geração de valor para os acionistas e pelo desempenho econômico, lembrando que o conceito de ativo intangível é aquele que não tem existência física. Nesse sentido, Schnoprenberger (2005) aponta que os ativos intangíveis são divididos e melhor representados, quando segregados em três tipos de capital, quais sejam 1) Capital Humano – ligado à habilidade, criatividade, conhecimento, capacidade inovadora e experiências vividas; 2) capital estrutural – ligado a um grupo de ativos estruturais como laboratórios, sistemas de informações, foco no gerencial, entre outros e 3) capital cliente – relacionado com o valor da relação entre clientes e empresa.

Além disto, segundo Oliveira, Rodrigues e Craig (2010), todo este movimento de divulgação e mensuração dos ativos intangíveis tem gerado grande interesse aos profissionais da contabilidade. Os mesmos, destacam a preocupação nesse sentido, pois, vários ativos intangíveis não são declarados como ativos, por conta da natureza tradicional dos critérios de

reconhecimento dos ativos e por conta do cuidado que se deve ter em relação à confiabilidade dos padrões da contabilidade. Além disto, os autores afirmam que a criação de riqueza nas organizações está associada com os ativos intangíveis, pois os mesmos são responsáveis pelo desempenho econômico e pela geração de valor aos acionistas.

Diante disto, o presente artigo busca responder o seguinte questionamento: **Qual a relação entre a intensidade do intangível e o desempenho econômico das empresas de capital aberto no Brasil?**

O **objetivo** geral deste trabalho é verificar a relação da intensidade do intangível com o desempenho econômico das empresas de capital aberto no Brasil e, como **objetivo específico, compreender o comportamento evolutivo dos intangíveis.**

Para satisfazer esse objetivo, este artigo está organizado em cinco seções, incluindo esta introdução sobre o assunto. A segunda seção está relacionada com o referencial teórico, no qual serão apresentados alguns conceitos, informações e dados sobre ativos intangíveis e desempenho econômico, mais especificamente, como mensurá-los. Por fim, destacam-se alguns trabalhos do tema em questão. A terceira seção retrata o procedimento metodológico escolhido para realizar esta pesquisa. A quarta seção refere-se a um cronograma que o autor criou diante das pesquisas que auxiliam a compreender o objetivo desse trabalho. Por último, a quinta seção condensa as informações do artigo, apresentando as considerações finais.

2. Referencial Teórico

2.1 Ativos Intangíveis

Segundo Antunes (2000), em se tratando da contabilidade tradicional, os ativos são bens e direitos da empresa, expressos em moedas, e podem ser classificados como ativos intangíveis e ativos tangíveis.

Já para Lev (2001), Stewart (1998) e Sveiby (2003), existem diferenças entre os ativos intangíveis e tangíveis que são importantes destacar. Uma delas é a limitação pelo uso, pois o ativo tangível é limitado e o ativo intangível é ilimitado. Outra é o desgaste, pois, o ativo intangível não se desgasta enquanto o ativo tangível, sim. Uma terceira diferença refere-se ao mercado potencial, no qual um ativo tangível está ligado à quantidade de matérias primas e o ativo intangível tem, como limite, o tamanho do mercado.

Para Reilly e Dandekar (1997), os ativos intangíveis possuem alguns atributos: devem ter uma descrição reconhecida e serem objeto de identificação específica, ligados à existência legal e ao direito de propriedade, podendo ser criados ou destruídos em um determinado período.

Já o termo intangível, conforme Ludícibus (1997), refere-se a ativos que não possuem existência física, no qual o valor é limitado pelos benefícios e direitos que proporcionam ao proprietário.

Quando se fala de ativos intangíveis, autores como Lev (2001), Santos (2002), Santos & Schmidt (2003), Wernke & Bornia (2003), Kayo et al. (2008), García-Meca & Martínez (2007), reforçam que a importância dos investimentos intangíveis se deu por dois acontecimentos: a globalização e desregulamentação de alguns setores da economia e a chegada da tecnologia. A partir destes dois acontecimentos, passou-se a dar mais atenção aos elementos intangíveis como estimuladores de valor de negócio.

Além disto, conforme Barney (1991), para que uma empresa consiga manter uma vantagem competitiva, por um período longo de tempo, ela precisa utilizar recursos raros, insubstituíveis e inimitáveis. Tais recursos podem fazer com que a empresa consiga grandes lucros, apresentando uma vantagem competitiva.

Segundo Kayo et. al. (2006),

“os ativos intangíveis são importantes fatores de diferenciação e, dessa forma, contribuem sobremaneira para a obtenção de importantes vantagens competitivas. Isso se deve à característica fundamental de todo ativo intangível: sua singularidade. Isto é, os ativos tangíveis como máquinas, equipamentos, fábricas, etc., são adquiridos com relativa facilidade, desde que a empresa possua os recursos financeiros para tal. Os ativos intangíveis, por outro lado, são únicos e de propriedade de uma única organização.” (KAYO et al, 2006, p. 76).

Os ativos intangíveis, segundo Perez e Fama (2004), possuem caráter durável, uma constituição não física e devem gerar futuros benefícios para a empresa.

Córcoles (2010, p. 186) mostra a relevância dos ativos intangíveis para a organização, afirmando que estes são de suma importância para o sucesso e desenvolvimento econômico e tecnológico das organizações. Ainda segundo o autor, o intangível é importante, pois

- avalia o capital intangível da organização para preparação de receitas futuras e

- considera questões como imagem da marca, tecnologia, perspectivas, capacidade de inovação, carteira de clientes, entre outros.

Neste sentido, Santos e Veiga (2014) também definem que ativos intangíveis “são considerados os bens em que não se pode tocar, pegar, incorpóreos, e possuem relevância e materialidade”. Além disto, para o Conselho Federal de Contabilidade (CFC, 2010, p.4), o ativo intangível deve ser considerado como um “ativo identificável, não monetário, sem substância física”.

Um ativo é identificável (CFC, 2010), quando:

- é passível de ser separado ou dividido da organização e, portanto ser vendido, licenciado, transferido, trocado ou alugado, tanto individualmente quanto em conjunto, com contrato, ativo ou passivo, relacionados, ou
- possui direitos contratuais ou legais, independentemente se os direitos são separados ou transferidos da organização ou de outros direitos e obrigações.

Os autores, Hunter, Webster e Wyatt (2005) fizeram a classificação dos ativos intangíveis em quatro grupos, descritos a seguir:

- Capital Humano: ativos relacionados com o conhecimento, com a experiência e habilidades dos funcionários;
- Capital Organizacional, também conhecido como infraestrutura: relacionados com a forma de estruturar a empresa, procedimentos, rotinas de negócios ou operacionais;
- Capital Relacional, também conhecido como de mercado: relacionados com a carteira de clientes, parceiros, associados do negócio e fornecedores;
- Propriedade Intelectual: relacionados ao *design*, patentes, direitos de licenciamento, marcas, etc.

Perez e Famá (2006) apontam que os ativos intangíveis podem ser representados por: direitos autorais, banco de dados, carteira fiel de cliente, concessões públicas, franquias, direitos de exploração e operação, marcas, processos secretos, direitos autorais, *softwares* desenvolvidos, *goodwill*, etc. Ainda segundo os autores, estes ativos devem ter uma natureza permanente, capaz de produzir benefícios para a empresa.

Por fim, de acordo com Kaplan e Norton (2004), é muito importante que haja um gerenciamento dos ativos intangíveis, pois o valor da organização origina-se neles e sua correta mensuração leva a empresa ao investimento adequado destes ativos.

2.2 Métodos de Mensuração

De acordo com Fietz e Scarpin (2008), ainda que o mercado identifique o valor dos intangíveis nas empresas, a contabilidade não está conseguindo acompanhar o crescimento no que se refere a reconhecer, mensurar, e evidenciar esses ativos. Isto acontece, pois segundo Arnosti e Neumann (2001), a distância entre o valor de mercado e o valor contábil dificulta a mensuração dos ativos intangíveis, pois uma vez que essas duas variáveis estão relacionadas com o valor agregado dos ativos intangíveis. Wilson e Stenson (2008) complementam, dizendo que esta dificuldade acontece por que os ativos intangíveis estão relacionados a um contexto e isto pode gerar diferentes interpretações. Stewart III (1999) propôs a utilização do EVA (valor econômico adicionado) como um processo de avaliação dos intangíveis e, de acordo com Rappaport (1998), o EVA tem o conceito semelhante com o do lucro residual, definido como o lucro operacional líquido, subtraindo-se os impostos e o encargo sobre o que foi investido.

Outro método, citado nos artigos estudados, é o Modelo *brand finance*, que tem como base, segundo Ibanez et. al. (2015, p. 16), “estimar o valor econômico da marca para seu proprietário pelo uso corrente. Considera o retorno que o proprietário obterá pelo fato de a marca ser de sua propriedade, ou ainda, o retorno da contribuição líquida da marca ao negócio para o presente e o futuro”.

Outra forma de classificação encontrada foi em Sveiby (2010). Analisando outros tipos de mensuração, ele criou diversas categorizações que no final resultaram em quatro abordagens, ligadas, por sua vez, a quatro categorias de mensuração: *Direct Intellectual Capital Methods (DIC)*, *Market Capitalization Methods (MCM)*, *Return on Assets methods*

(ROA), *Scorecard Methods (SC)*. O Quadro 1, abaixo, apresenta os conceitos de cada uma dessas categorias, segundo Sveiby (2010).

Quadro 1: Métodos de Mensuração segundo Sveiby

Método	Abreviação	Conceito
<i>Direct Intellectual Capital Methods</i>	DIC	Considera o valor dos ativos intangíveis identificando vários componentes, avaliando assim os ativos intangíveis diretamente, de forma individual e como um coeficiente agregado.
<i>Market Capitalization Methods</i>	MCM	É a diferença entre o valor de mercado e o patrimônio líquido da organização, com o dos ativos intangíveis ou o valor do seu capital intelectual.
<i>Return on Assets methods</i>	ROA	É o cálculo do lucro antes do imposto dividido pelos ativos intangíveis da organização, comparando, assim, à medida da indústria com a diferença multiplicada pelo ativo intangível, resultando no ganho médio anual dos ativos intangíveis.
<i>Scorecard Methods</i>	SC	São identificados os componentes dos ativos intangíveis, possibilitando a geração de indicadores e índices em gráficos ou <i>scorecards</i> .

Fonte: Tabela criada pelo autor com base nos conceitos de Sveiby (2010)

De acordo com o Sveiby (2010), métodos como DIC e SC formam uma melhor imagem em relação à situação da empresa, podendo ser aplicados com facilidade em qualquer nível da empresa, com relatórios emitidos mais rápidos e com maior precisão. Já os métodos MCM e ROA servem para comparar as empresas do mesmo setor, demonstrando o valor dos ativos intangíveis.

2.3 Evidências Empíricas

Diversos estudos empíricos buscam encontrar evidências para compreender se a intangibilidade é capaz de influenciar o desempenho econômico de empresas. No entanto, ainda não existe um consenso sobre o tema.

Perez e Famá (2004) tinham como objetivo esclarecer a importância dos ativos intangíveis na geração de valor ao acionista, provando as diferenças de desempenho econômico entre as organizações com menor e maior grau de ativos intangíveis em sua estrutura. Em suas pesquisas, os autores concluíram que organizações com maiores ativos intangíveis conseguiam gerar mais valor para os acionistas da empresa, ou seja, quanto maior o ativo intangível, maior o valor.

Analisando a correlação que entre o Grau de Intangibilidade e os indicadores de desempenho das organizações de telecomunicações, Nascimento et. Al. (2010) chegaram conclusão de que as organizações têm como foco se destacarem de seus concorrentes, buscando ter mais lucratividade e rentabilidade. Outro ponto ressaltado por eles foi que os ativos intangíveis exercem papéis diferentes entre as empresas, dependendo de vários fatores. E por fim chegaram à conclusão que, no setor de telecomunicações, é percebida uma influência positiva fraca em relação à tecnologia de informação, com um grau de intangibilidade acima da média do setor, mas isto não resulta em maiores ganhos econômicos e financeiros.

Miranda et. al. (2013) investigaram a ligação entre o ativo intangível, o grau de inovação e o desempenho das organizações contidas na BM&FBovespa, chegando à conclusão que existe relação entre o ativo intangível e o valor de mercado, ou seja, quando se investe em recursos intangíveis, o mercado reage em curto prazo, aumentando o valor da empresa. Em se tratando de inovação, existe uma relação positiva entre desempenho empresarial e inovação das organizações, porém, por uma insignificância estatística, não se pode analisar tal relação, indo contra as expectativas de que maior tecnologia na organização, maior seria o seu valor no mercado. Mas os autores deixam, como reflexão, a importância de investir nos ativos intangíveis e a necessidade de inovar, pois ambos são impulsionadores de um melhor desempenho empresarial.

Fernandes et.al. (2014) analisaram a relação entre os investimentos em ativos intangíveis e o valor de mercado das empresas brasileiras entre 2007 e 2009, buscando entender como o mercado reconhece os esforços das organizações em inovar e criar uma conexão com o cliente e como esses esforços são traduzidos em aumento do valor de mercado. Os principais resultados mostram que a quantidade de patentes influencia, de forma positiva, o valor de mercado nas organizações do país. Além disto, os resultados apontam uma ligação negativa e significativa entre a quantidade de risco assumida pela organização e o valor de mercado.

Verdinelli e Lizote (2014) investigaram a associação entre capital humano, capital estrutural, sistema de memória transacional e a orientação empreendedora como sendo fatores que influenciam o desempenho organizacional dentro dos escritórios de contabilidade. Dentre os resultados podemos ver que o Capital Estrutural, o Sistema de Memória Transacional e a Orientação Empreendedora tinham efeito positivo no Desempenho Organizacional.

Já Filho et. al. (2014) verificaram a existência de diferença significativa na compreensão dos micros e pequenos empreendedores, que possuíam, ou não, familiaridade com os termos de ativos intangíveis e/ou capital intelectual. Os dados coletados indicaram que metade dos respondentes não conheciam o termo capital intelectual e os outros 50% já tinham algum conhecimento sobre o assunto. Outro resultado apontado pelos autores é que todos os elementos do capital intelectual, que segundo os mesmos são o capital humano, interno e externo, são importantes, sendo que o capital externo é de 44% e o capital humano e interno são 37% e 38% respectivamente. Nesta mesma pesquisa, foram apresentadas também uma série de componentes, sendo os mais importantes relacionados com a satisfação e a fidelidade dos clientes, com a reputação da organização e com o relacionamento com o fornecedor. Quanto aos empreendedores com alguma familiaridade com o termo, observou-se uma atribuição maior, em nível de importância, aos itens satisfação do cliente, capital intelectual, marca, propriedade intelectual, reputação da organização e relacionamento com o consultor. Por fim, os autores identificaram, como resultado final, que para os entrevistados, o que adiciona valor são os funcionários e o produto/serviço.

Em um estudo mais recente, Silveira et al (2017), apontam que, na era do conhecimento e da informação, os ativos intangíveis são fonte de vantagem competitiva nas organizações, mas para que isso aconteça é preciso se ter uma gestão efetiva e saber aplicar os ativos para convertê-los em resultados.

Em sua pesquisa, Moraes e Carvalho (2017), com o objetivo de definir qual a relação entre o grau de intangibilidade e o desempenho econômico das empresas, constantes no índice IBRX 100 – Índice Brasil, identificaram que a intangibilidade influencia o desempenho econômico da empresa de forma positiva e significativa. Outra conclusão apresentada é que, quanto maior for o investimento e a participação dos ativos intangíveis da empresa melhor o desempenho e a rentabilidade.

Cafurri (2017) tinha como objetivo entender a influência dos ativos intangíveis no contexto organizacional e, com suas pesquisas, conseguiu identificar as relações entre os ativos intangíveis e as informações contábeis (ativo, lucro líquido, patrimônio líquido e valor

dos intangíveis). Segundo o autor, há influência das naturezas de inovação no investimento em ativos intangíveis. Entretanto, a complexidade de intangíveis também fica evidenciada. Desta forma, para o autor existe uma correlação positiva entre ativos intangíveis e lucratividade, porém, não foi possível identificar as relações de causalidade na correlação de ativos intangíveis e inovação.

Nascimento e Neto (2017) procuraram verificar se a presença mais elevada de ativos intangíveis refletia em um maior desempenho. Após as pesquisas, os resultados apontaram que o grau de intangibilidade interferiu no desempenho econômico, apresentando relações significativas. Os autores ainda reforçam que os ativos intangíveis são incorpóreos, representados por bens e direitos associados a uma organização sendo, portanto, aqueles que não têm existência física. Como exemplos de intangíveis, citam: os direitos de exploração de serviços públicos mediante concessão ou permissão do Poder Público, marcas e patentes, softwares e o fundo de comércio adquirido. O reconhecimento de um intangível deve obedecer às normas aplicadas a todos os ativos, em outras palavras deve corresponder à definição apropriada, ser mensurável, ser relevante e ser preciso.

Quadro 2: Evidências Empíricas

Autores	Objetivo	Método	Resultado
Perez e Famá (2004)	Verificar o impacto da presença de ativos intangíveis na empresa em seu desempenho econômico,	Pesquisa descritiva	Os resultados obtidos com centenas de empresas norte-americanas são significativos e demonstram a existência de importantes diferenças de desempenho entre as empresas intangível-intensivas e as empresas tangível-intensivas.
Miranda et al (2013)	Analisar a relação entre as variáveis ativos intangíveis e grau de inovação e o desempenho das empresas listadas na BM&FBovespa, participantes dos setores mais inovadores do Brasil, segundo classificação do Índice Brasil de Inovação (IBI)	Pesquisa descritiva	Os resultados indicam que os investimentos em ativos intangíveis têm relação positiva com o valor de mercado das empresas pesquisadas, mas não se confirmou o mesmo contexto com o ROE. Quanto ao grau de inovação, os resultados indicaram haver relação positiva entre o ROE e os investimentos em intangíveis das empresas componentes do grupo 3 do IBI e negativa com as do grupo 2. Nenhuma evidência estatisticamente significativa pode ser inferida sobre a relação entre o grau de inovação da empresa e a maximização do seu valor de mercado.
Fernandes et Al (2014)	Investigar os efeitos dos investimentos em ativos intangíveis no valor de mercado das empresas brasileiras no período de 2007 a 2009.	Painel de Dados	Os principais resultados do modelo por efeitos fixos mostram que o número de patentes, quando outras variáveis são controladas, tem efeito positivo e significativo no valor das empresas brasileiras, atestando que o valor de mercado destas firmas reflete seu portfólio de competências tecnológicas e capacidade de inovação. Por outro lado, os investimentos totais em intangíveis, em geral, não mostraram resultados significativos para explicar o valor de mercado, o que pode sugerir que, no curto prazo, o mercado entende tais investimentos como meras despesas, sem reconhecer os efeitos de longo prazo desses ativos.
Verdinelli e Lizote (2004)	Analisar nos escritórios de contabilidade as relações entre o capital humano (CH), o estrutural (CE), seu sistema de memória transacional (TMS), sua orientação empreendedora (OE) e o desempenho organizacional (DO), que os gestores relatam ter.	Pesquisa com análise fatorial exploratória e confirmatória.	Os resultados mostraram que as hipóteses conjecturadas de relações positivas do CH com o CE, TMS, OE e DO foram confirmadas, bem como a que postulavam relações positivas de CE, TMS e OE com DO. Contudo a hipótese de que o TMS e a OE mediavam a relação do CH com o DO não foi confirmada.
Filho et al (2014)	Verificar se existe diferença estatisticamente significativa entre a percepção dos micro e	Análise estatística descritiva e inferencial.	A pesquisa evidenciou os empreendedores que têm familiaridade com os termos capital intelectual e/ou ativo intangível tendem a atribuir maior nível de

	pequenos empreendedores que possuem e os que não possuem familiaridade com os termos ativos intangíveis e/ou capital intelectual acerca da importância dos elementos do capital intelectual.		importância aos elementos do capital intelectual.
Silveira et al (2017)	Analisar as abordagens de avaliação de ativos intangíveis apresentadas na literatura nacional e internacional.	Pesquisa exploratória	As abordagens que mais se destacam nas pesquisas nacionais e internacionais são, na sequência: (i) Balanced Scorecard; (ii) Intangible Assets Monitor; (iii) Q de Tobin; (iv) Technology Broker; (v) a Diferença entre o Valor de Mercado e o Valor Contábil; (vi) Fórmula do Capital Intelectual da Skandia e (vii) Intangibles-Driven-Earnings também foram destaque.
Machado, Carvalho e Peixoto (2017)	Verificar a influência da intensidade tecnológica na relação entre o grau de intangibilidade e o desempenho econômico-financeiro na indústria brasileira.	Dados em Painel	Os resultados revelaram que não existe diferença significativa quanto à relação intangibilidade-desempenho entre setores com alta e média-alta intensidade tecnológica e baixa e média-baixa intensidade tecnológica. Ademais, observou-se que o grau de intangibilidade não exerceu influência significativa em indicadores, como ROA, ROE e retorno, para a amostra e o período investigados.
Cafurri et al(2017)	Compreender se os ativos intangíveis registrados nas demonstrações financeiras das empresas brasileiras configuram vínculo com a inovação e a lucratividade.	Pesquisa descritiva	Os resultados obtidos reforçaram a constatação de que o grau de intangibilidade não possui relação com o grau de inovação, assim como a intangibilidade de uma empresa não apresenta relação com sua lucratividade.
Nascimento e Neto (2017)	Verificar se a presença mais elevada de ativos intangíveis repercute em maior desempenho.	Pesquisa bibliométrica	É possível concluir que o grau de intangibilidade (GI) interferiu no desempenho econômico das amostras pesquisadas, apresentando relações estatisticamente significativas.
Carvalho, Guimaraes e Peixoto (2018)	Verificar a relação existente entre o grau de intangibilidade e o desempenho econômico das empresas de capital aberto no Brasil considerando os níveis diferenciados de governança B3.	Dados em Painel	Não foram encontradas diferenças significativas entre o grau de intangibilidade e o desempenho econômico para as empresas com diferentes níveis de governança está acentuado.

Fonte: Elaborado pelo autor.

3. Procedimentos metodológicos

Neste artigo utiliza-se a pesquisa quantitativa de caráter descritiva, pois se propõe a descrever características de determinada população buscando criar ligações entre as variáveis, e, quanto à coleta dos dados, optou-se por uma pesquisa documental, dispondo, como fonte de dados secundários, a base de dados Economatica.

Para averiguar a relação existente entre o grau de intangibilidade, a intensidade do intangível e o desempenho econômico das empresas de capital aberto no Brasil, estruturou-se o Quadro 3, abaixo, que descreve as variáveis selecionadas.

Quadro 3: Variáveis independentes selecionadas na pesquisa

Indicadores	Fórmula de Cálculo	Interpretação	Autores
Intensidade do Intangível	$IT = \frac{AIT}{AT}$	Proporção do investimento em intangível da empresa.	Machado, Carvalho e Peixoto (2017).
Grau de Intangibilidade	$GI = \frac{VMA}{PL}$	Representa a razão do valor de mercado de uma empresa pelo seu valor contábil. Quanto maior o índice, maior a participação relativa de ativos intangíveis na estrutura da empresa	Lev (2001), Kayo e Famá (2004), Mazzioni et al. (2014);
Endividamento	$PCT = \frac{PC + PELP}{AT}$	Indica o grau de “dependência” da empresa perante recursos de terceiros (bancos, fornecedores, recursos trabalhistas e tributários).	Antunes e Martins (2007).
Tamanho	Ln do ativo total	Mostra o tamanho da empresa de acordo com seus ativos.	Kayo e Famá (2004); Mazzioni et al. (2014);

Fonte: Elaborado pelo autor.

Griliches (1981), Aboody & Lev (1998), Alencar & Dalmacio (2006) e Belenzon & Pataconi (2013), tomando como premissa que o valor atual e os investimentos em intangíveis da empresa somente influencia a capacidade de investimentos presentes e futuros, não os passados, sugerem a inclusão de variáveis defasadas. Nessa mesma linha, esse artigo insere variáveis defasadas (que são variáveis de um período anterior, no caso deste trabalho é

utilizado a variáveis no ano de 2017 (defasada) e no ano de 2018), aos seus modelos estimados, selecionando, ainda variáveis para designar os desempenhos econômicos das empresas, como apresentadas no quadro 4, a seguir:

Quadro 4: Variáveis dependentes da pesquisa

Grupo de Indicadores	Indicadores	Fórmula de Cálculo	Interpretação	Autores
Indicadores de Rentabilidade	Retorno sobre Ativo	$ROA = \frac{LL}{AT}$	Mede a capacidade da empresa em gerar lucros, considerando os ativos disponíveis.	Mazzioni et al., (2014)
	Retorno sobre Patrimônio Líquido	$ROE = \frac{LL}{PL}$	Informa o retorno que a empresa conseguiu em relação ao capital nela investido.	Mazzioni et al., (2014)
Legenda: AT: Ativo Total LL: Lucro Líquido PL: Patrimônio Líquido				

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com isso, a equação genérica dos modelos a serem estimados pode ser assim descrita:

$$ROA = \alpha + \lambda_1 IAIu_{it} + \lambda_1 IAIu_{t-1} + \lambda_1 DEIu_{t-1} + \lambda_3 EOlu_{it} + \lambda_4 EDu_{it} + \lambda_5 Tamanho + u_{it} \quad (1)$$

$$ROE = \alpha + \lambda_1 IAIu_{it} + \lambda_1 IAIu_{t-1} + \lambda_1 DEIu_{t-1} + \lambda_3 EOlu_{it} + \lambda_4 EDu_{it} + \lambda_5 Tamanho + u_{it} \quad (2)$$

4. Resultados da Pesquisa

4.1 Estatística descritiva

O presente trabalho foi constituído por uma amostra de 514 empresas com dados referentes nos anos de 2017 e 2018. A tabela 1, apresenta, em visão geral, uma análise descritiva dos principais indicadores das empresas, sendo eles: Retorno sobre o ativo (ROA); Retorno sobre Patrimônio Líquido (ROE); Intensidade do Ativo Intangível (IAI); Grau de Intangibilidade (GI); Endividamento (END); Eficiência Operacional (EO) e Tamanho.

Tabela 1 – Visão geral dos principais indicadores das empresas - 2018

Variável	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
ROA	514	0.076	38.430	-515.54	41.96
ROE	514	4.127	64.002	-630.43	574.11
IAI	514	0.211	0.273	0	0.97
GI	514	0.978	2.182	0	23.67
END	514	1.594	3.720	0	50.18
Tamanho	512	8.857	0.977	3.81	11.4

Fonte: Elaborado pelo autor, com base nos resultados da pesquisa.

Os resultados mostram que a média do ROA é 0,076 e do ROE 4.12; reforçando que a rentabilidade do ativo foi, em média, de 7% e a rentabilidade do patrimônio líquido foi de 412%, lembrando que esses valores são referente a todos os dados que foi colhido de 2018.

Nota-se também que a variável intensidade do intangível é, em média, 21,11%, enquanto o grau de intangibilidade é de 9,78%.

4.2 Análise de Correlação

Na Tabela 2, busca-se analisar os resultados de correlação de Pearson, que pode variar de -1 a 1, tendo como finalidade medir o grau de combinação linear entre duas variáveis consideradas quantitativas. É importante saber que, dentro do intervalo já citado, existe uma classificação medindo, a correlação entre as variáveis. Esta classificação é: 0,0 a 0,2, quando existe uma correlação muito fraca; de 0,2 a 0,4 é definida como uma correlação fraca; 0,4 a 0,6 pode-se considerar uma correlação moderada; 0,6 a 0,8 é uma correlação considerada forte; enquanto 0,8 a 1,0 é uma correlação muito forte. (FAVERO, 2009)

Tabela 2 – Correlação entre as variáveis da amostra

	ROA	ROE	IAI	GI	END	EO	Tamanho
ROA	1.000						
ROE	0.6899***	1.000					
IAI	0.0835**	0.0807**	1.000				
GI	0.0699	0.2291***	-0.0806**	1.000			
END	0.0196	-0.0990**	0.1733***	0.0124	1.000		
Tamanho	0.4421***	0.3339***	0.1209*	0.0805*	0.0528	0.0077	1.000

Obs: (*) estatisticamente significante ao nível de 10%; (**) estatisticamente significante ao nível de 5%; (***) estatisticamente significante ao nível de 1%.

Fonte: Elaborado pelo autor, com base nos resultados da pesquisa.

Nota-se que o ROA possui uma correlação fraca e significativa com a intensidade do ativo e não possui correlação significativa com o grau de intangibilidade. Quanto ao ROE, tanto a intensidade do ativo (IAI) quanto o grau de intangibilidade (GI) registraram uma correlação fraca, positiva e significativa com o ROE.

4.3 Modelo Econométrico

A Tabela 3 registra os resultados da intensidade do intangível com a rentabilidade do ativo e com a rentabilidade do patrimônio líquido. Os resultados do modelo 1 revelam uma relação não significativa entre desempenho, medida pela rentabilidade do ativo, e a intensidade do intangível. Esses resultados se assemelham com os estudos de Carvalho, Guimaraes e Peixoto (2018), Machado, Carvalho e Peixoto (2017) e Miranda et. al. (2013).

Tabela 3 – Relação entre desempenho e a intensidade do intangível

Variáveis Explicativas	ROA	ROE
IAI	-10.21289 (12.81697)	0,52.11912 ⁷ (32.10046)
IAIt-1	11.13114 (12.48567)	58.08804 (32.60743)**
ROAt-1	0.9551778 (0.0696841)***	0.5913733 (.1154251)***
END	0.0721996 (.0649981)	-1.336544 (1.445059)
Tamanho	2.767113 (1.377759)**	12.1311 (3.970124)**
Number of obs	509	509
F (5, 503)	41.49	8.14
Prob > F	0.0000	0.0000
R-Squared	0.8776	0.3406
Root MSE	13.581	52.468

Obs: a) (*) estatisticamente significativa ao nível de 10%; (**) estatisticamente significativa ao nível de 5%; (***) estatisticamente significativa ao nível de 1%. b) o teste de normalidade não rejeitou a hipótese nula de uma distribuição normal. c) o hettes (teste de homocedasticidade) não indicou a presença de heterocedasticidade. d) O teste VIF apresentou coeficiente menor que 10 para todas as variáveis, deste modo não foi identificado multicolinearidade.

Fonte: Elaborado pelo autor, com base nos resultados da pesquisa.

No que se refere a ROAt-1 e a variável Tamanho o coeficiente associado mostrou-se significativo e positivo. Esses resultados sugerem que a rentabilidade passada e o tamanho da empresa têm uma relação positiva com a rentabilidade do ativo (Griliches, 1981; Aboody & Lev, 1998; Alencar & Dalmacio, 2006; e Belenzon & Pataconi, 2013)

Em relação ao modelo 2, a variável IAI-1 significativa e positiva com a rentabilidade do patrimônio líquido (ROE). Esse resultado mostra que, embora o investimento em intangível não tenha impacto na rentabilidade, em curto prazo, o investimento passado influencia positivamente a intangibilidade.

Na Tabela 4, analisa-se a significância da relação entre o desempenho e o grau de intangibilidade. O modelo 1 revela uma relação não significativa entre o grau de intangibilidade, a ROA e o ROE. Esses resultados corroboram os encontrados em Carvalho, Guimaraes e Peixoto (2018), Machado, Carvalho e Peixoto (2017) e Miranda et. al. (2013) que não identificaram uma relação significativa entre o grau de intangibilidade e o desempenho econômico.

Tabela 4 – Relação entre desempenho e a Grau de intangibilidade

Variáveis Explicativas	ROA	ROE
GI	0-.0418041 (.2193449)	9.970928 (11.488806)
GI t -1	0.3401062 (0.328188)	-7.159447 (11.20335)
ROAt -1	0.9550594 (0.0696855)**	0.5902615 (0.109257)**
END	0.0829697 (0.0641895)	-1.418223 (1.341514)
Tamanho	2.760501 (1.400061)***	12.79605 (3.833602)***
Number of obs	509	509
F (5, 503)	47.76	16.68
Prob > F	0.0000	0.0000
R-Squared	0.8776	0.3865
Root MSE	13.581	50.608

Obs: a) (*) estatisticamente significante ao nível de 10%; (**) estatisticamente significante ao nível de 5%; (***) estatisticamente significante ao nível de 1%. b) o teste de normalidade não rejeitou a hipótese nula de uma distribuição normal. c) o hettes (teste de homocedasticidade) não indicou a presença de heterocedasticidade. d) O teste VIF apresentou coeficiente menor que 10 para todas as variáveis, deste modo não foi identificado multicolinearidade.

Fonte: Elaborado pelo autor, com base nos resultados da pesquisa.

Quanto às variáveis ROAt-1 (modelo 1) ROE t-1 (modelo 2) e a variável Tamanho (modelo 1 e 2), o coeficiente associado mostrou-se significativo e positivo. Esses resultados

sugerem que a rentabilidade passada e o tamanho da empresa têm uma relação positiva com a rentabilidade do ativo.

5. Considerações Finais

A presente pesquisa teve como finalidade verificar a relação entre a intensidade do intangível e o desempenho econômico das empresas de capital aberto no Brasil e entender se as características setoriais influenciam no valor do intangível. A amostra levantada foi de 514 empresas nos anos de 2017 e 2018, por meio da base de dados Economática.

Os resultados obtidos nas pesquisas foram que, o retorno sobre o ativo possui uma correlação fraca e significativa com a intensidade do ativo e não possui correlação significativa com o grau de intangibilidade. Quanto ao retorno sobre o patrimônio, tanto a intensidade do ativo, quanto o grau de intangibilidade, apontam uma correlação fraca, positiva e significativa com o grau de intangibilidade. Além disto, notou-se que a uma relação não significativa entre desempenho, medida pela rentabilidade do ativo e a intensidade do intangível e com isso, valida-se aos estudos de alguns autores aqui trabalhados.

No que se refere a ROAt-1 e a variável Tamanho o coeficiente associado mostrou-se significativo e positivo. Os resultados vão de encontro com Griliches (1981); Aboody & Lev, (1998); Alencar & Dalmacio, (2006); e Belenzon & Pataconi, (2013), sugerindo que a rentabilidade passada e o tamanho da empresa têm uma relação positiva com a rentabilidade do ativo. Em relação ao modelo 2, a variável IAIt-1 significativa e positiva com a rentabilidade do patrimônio líquido (ROE). Esse resultado mostra que, embora o investimento em intangível não tenha impacto na rentabilidade, em curto prazo, o investimento passado influencia positivamente a intangibilidade.

Em se tratando da significância da relação entre o desempenho e o grau de intangibilidade, o modelo 1 revela uma relação não significativa entre o grau de intangibilidade, a ROA e o ROE. Esses resultados corroboram os encontrados em Carvalho, Guimaraes e Peixoto (2018), Machado, Carvalho e Peixoto (2017) e Miranda et. al. (2013) que não identificaram uma relação significativa entre o grau de intangibilidade e o desempenho econômico. Em relação às variáveis ROAt-1 (modelo 1) ROE t-1 (modelo 2) e a variável Tamanho (modelo 1 e 2), o coeficiente associado mostrou-se significativo e positivo. Esses resultados sugerem que a rentabilidade passada e o tamanho da empresa têm uma relação positiva com a rentabilidade do ativo.

Por ser um tema relacionado a ativos intangíveis, com dificuldade de serem dimensionados por envolver variáveis econômicas, contábeis e financeiras, a importância de se gerir melhor este ativo, faz com que outros estudos, discussões e pesquisas sejam necessários para que, novas informações possam ajudar as empresas a compreender e lidar com o tema.

Outro fator limitante da pesquisa, está ligado ao período escolhido para análise, que pode ser considerado pequeno. Em períodos maiores é possível avaliar como as variáveis se comportavam antes e como se comportam agora. Fica, assim a recomendação para que futuros estudos utilizem uma amostra que englobe um período de tempo maior, considerando-se que a variabilidade do mercado em cada ano afeta, de maneira distinta, as empresas.

6. Referências

ABOODY, D. & Lev, B. (1998), 'The value relevance of intangibles: the case of software capitalization', **Journal of Accounting Research** 36, 161–191.

ALENCAR, R. d. & Dalmacio, F. Z. (2006), 'A relevância da informação contábil no processo de avaliação de empresas brasileiras – uma análise dos investimentos em ativos intangíveis e seus efeitos sobre value-relevance do lucro e patrimônio líquido', Encontro da ANPAD 30.

ANTUNES, M.T.P. **Capital Intelectual**. São Paulo: Editora Atlas, 2000.

ANTUNES, M. T. P., & Martins, E. Capital intelectual: verdades e mitos. **Revista Contabilidade & Finanças - USP**, 13(29), 2002.

ARNOSTI, José Carlos; NEUMANN, Regina Aparecida. Capital Intelectual: um novo paradigma contábil? A Era do Conhecimento agregando valor. São Paulo, 2001, artigo apresentado na **XXIV Conferência Interamericana de Contabilidade**.

BARNEY, J. Firm resources and sustained competitive advantage. **Journal of Management**, 17(1), 99-120, March , 1991.

BELENZON, S. & Pataconi, A. Innovation and firm value: an investigation of the changing role of patents, 1985-2007, **Research Policy** 42(8), 1496– 1510, 2015.

CARVALHO, L; FARIA, G. G; PEIXOTO, F. M. Relação entre Governança Corporativa e a Intangibilidade nas Empresas Brasileiras não Financeiras de Capital Aberto. **EGEN – ENCONTRO DE GESTÃO DE NEGÓCIOS**, outubro 2018.

CATELLI, A. **Controladoria: uma abordagem da gestão econômica**. São Paulo: Atlas, 1999.

Conselho Federal de Contabilidade. **Resolução CFC 1.285**, de 18 de junho de 2010: apêndice glossário de termos à NBC T 19.41. Recuperado em 08 de junho, 2013 de http://www2.cfc.org.br/sisweb/sre/detalhes_sre.aspx?Codigo=2010/001285.

CÓRCOLES, Y. R. Towards the convergence of accounting treatment for intangible assets. **Intangible Capital**, 6(2), 185-201, 2010.

CUNHA, J. H. da C. A Contabilidade e o Real Valor das Empresas: Foco no Capital Intelectual. In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 6., 2006, São Paulo. **Anais do VI Congresso USP de Controladoria e Contabilidade**. São Paulo, 2006.

FERNANDES, G. PEROBELLI, F. F. C. BRANDÃO, L. E. GONÇALVES, E. **Uma Análise da Relação entre Ativos Intangíveis e o Valor De Mercado das Empresas Brasileiras**. Programa de Pós-Graduação em Economia, Juiz de Fora, 2014.

FIETZ, É. E. Z.; SCARPIN, J. E. Estudo Do Grau De Intangibilidade Por Meio Das Demonstrações Contábeis: Uma Análise Das Empresas S/A De Capital Aberto Constantes Do Índice Ibrx - Índice Brasil. In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 8., 2008, São Paulo. **Anais Do VIII Congresso USP De Controladoria E Contabilidade**. São Paulo, 2008.

FILHO, F. A. C. LAGIOIA, U. C. T. MONTEIRO, J. A. M. FILHO, L. L. S. ARAUJO, J. G. ARAUJO, J. G. N. Importância e Contribuição do Ativo Intangível: Percepção dos Empreendedores de Micro e Pequenas Empresas Sobre o Capital Intelectual. **Organizações em contexto**, São Bernardo do Campo, ISSN 1982-8756 • Vol. 10, n. 20, jul.-dez. 2014.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GAFFURI, E. L. BIANCHI, R. SILVA, J. D. IGARASHI, D. C. C. Intangibilidade em empresas inovadoras no Brasil: um estudo com base no Índice Brasil de Inovação. **Organizações em contexto**, São Bernardo do Campo, ISSN 1982-8756 • Vol. 13, n. 26, jul.-dez. 2017

GARCÍA-MECA, E., & Martínez, I. The use of intellectual capital information in investment decisions: An empirical study using analyst reports. **The International Journal of Accounting**, 42(1), 57-81, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007

GRILICHES, Z. Market value, R&D, and patents. **Economics Letters** 7(2), 183–187, 1981.

HAYES, R. H.; PISANO, P. G. Beyond World-class: the new manufacturing strategies. **Harvard Business Review**, p77-86, Jan-Fev, 1994.

HENDRIKSEN, E. S.; VAN BREDA, M. F. **Teoria da contabilidade**. São Paulo: Atlas, 1999.

HOOG, Wilson Alberto Zappa; PETRENCO, Solange. **Prova pericial contábil: aspectos práticos & fundamentais**. 3 ed. Curitiba: Juruá, 2004.

HUNTER, L. C.; WEBSTER, E.; WYATT, A. Measuring intangible investment. **Working Paper** no. 15/05, University of Melbourne. 2005.

IBANEZ, F. C.; NETO, J. V.; ALMEIDA, L. S. F. Avaliação dos ativos intangíveis no setor de construção civil brasileiro: Um estudo documental. **Pensar Contábil**, Rio de Janeiro, v. XVII, n. 63, p. 12 – 21, mai./ago. 2015.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Teoria da Contabilidade**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1997.

KAPLAN, R. S.; NORTON, D. P. **Strategy maps: Converting intangible assets into tangible outcomes**. Boston: Harvard Business School Press, 2004.

KAYO, E. K.; KIMURA, H.; MARTIN, D. M. L.; NAKAMURA, W. T. Ativos intangíveis, ciclo de vida e criação de valor. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 10, n. 3, jul./set., 2006.

KAYO, E. K.; KIMURA, H.; BASSO, L. F. C., & Krauter, E. Os fatores determinantes da intangibilidade. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, 7(3), 112-130, 2006.

LEV, B. **Intangibles: Management, measurement, and reporting**. Brookings Institution Press, Washington, D.C. 2001.

Relação Entre Intensidade Tecnologia e Grau de Intangibilidade no desempenho Econômico-Financeiro da Indústria Brasileira. **Gestão e Regionalidade**, Volume 33 – nº 99, Set/Dez de 2017.

MACHADO, G. A.; CARVALHO, L.; PEIXOTO, F. M.. A Relação entre Intensidade Tecnológica e Grau de Intangibilidade no Desempenho Econômico-Financeiro da Indústria Brasileira. **Revista Gestão & Regionalidade**, v. 33, n. 99, 2017.

MACHADO, J. H.; FAMÁ, R. Ativos Intangíveis e Governança Corporativa no Mercado de Capitais Brasileiro DOI: 10.5007/2175-8069.2011 v8n16p89. **Revista Contemporânea de Contabilidade** 8.16 (2011).

MARTINS, J. R.. **Capital intangível: guia de melhores práticas para a avaliação de ativos intangíveis**. São Paulo: Integrare Editora, 2012.

MIRANDA, K. F. VASCONCELOS, A. C. FILHO, J. C. L. S. SANTOS, J. G. C. MAIS, A. B. G. R. Ativos Intangíveis, Grau De Inovação E O Desempenho Das Empresas Brasileiras De Grupos Setoriais Inovativos. **RGO-Revista Gestão Organizacional**, VOL. 6, N. 1, JAN./ABR. 2013.

NASCIMENTO, E. M. OLIVEIRA, M. V. MARQUES, V. M. CUNHA, J. V. A. C. Ativos Intangíveis: Análise Do Impacto Do Grau De Intangibilidade Nos Indicadores De Desempenho Empresarial. **XXX Encontro Nacional de Engenharia de Produção**. São Carlos, Sp, Brasil, 12 A15 De Outubro De 2010.

NASCIMENTO, N. B. NETO, E. B. M. Grau de Intangibilidade e o Desempenho Empresarial. **Revista de Auditoria Governança e Contabilidade**, v.5, n.19, p.107-117, 2017.

OLIVEIRA, L.; RODRIGUES, L. L.; CRAIG, R. Intangible assets and value relevance: Evidence from the Portuguese stock exchange. **The British Accounting Review**, v. 42, n. 4, p. 241-252, 2010. <http://dx.doi.org/10.1016/j.bar.2010.08.001>.

PEREZ, M. M.; FAMÁ, R. Características estratégicas dos ativos intangíveis e o desempenho econômico da empresa. **Gesta – Revista Eletrônica de Gestão de Negócios – ISSN 1809/0079**, V.2, n2, p.69-96, abr.-jun./2006.

PEREZ, M. M.; FAMÁ, R. Ativos intangíveis e o desempenho empresarial. **Revista Contabilidade & Finanças** v. 17, n. 40, pp. 7-24, 2006

Rappaport, A. **Creating shareholder value: a guide for managers and investors** (2nd ed.). New York: The Free Press, 1998.

REILLY, R. F. DANDEKAR, M. P. Valuation of intangible contract rights. **The CPA Journal**, Vol 67, n.6, p. 74, 1994. Disponível em: <https://www.nyssscpa.org/society/PR/PR.html>. Acesso em 21 de novembro de 2018.

SANTOS, F., & Veiga, W. E. (2014). **Contabilidade: com ênfase em micro, pequenas e médias empresas - 2014 - Leis nº 11.638/07, 11.941/09, NBC TG 1000 (CPC - PME) e ITG 1000**. São Paulo: Atlas.

SANTOS, J. L. Ativos intangíveis. **ConTexto**, Porto Alegre, 2(2), 1-14, 2002.

SANTOS, J. L., & Schmidt, P. Ativos intangíveis: análise das principais alterações introduzidas pelos FAS 141 e 142. **ConTexto**, Porto Alegre, 3(4), 1-18. 2003.

SILVA, M. P. P; SILVA A. H. C; SANCOSVSCHI, M. Ativo Intangível Das Empresas Brasileiras Listadas No Mercado De Capitais: Um Estudo Comparativo Com Estados Unidos, Europa, Austrália E Japão. **Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ (online)**, Rio de Janeiro, v. 23, n.2, p. 53- p. 75, maio/ago., 2018. ISSN 1984-3291

SILVEIRA, D. T. CÓRDORA, F. P. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

SILVEIRA, S. K. R. SCHNORRENBERGER, D. GASPARETTO, V. LUNKES, R.J. Abordagens De Avaliação De Ativos Intangíveis: Uma Revisão da Literatura. **Revista Catarinense da Ciência Contábil**, Issn 1808-3781 - Eissn 2237-7662, Florianópolis, Sc, V. 16, N. 47, P.9-25, Jan./Abr. 2017.

SCHNORRENBERGER, D. Identificando e Avaliando os Ativos Tangíveis e Intagíveis de uma organização visando seu gerenciamento: Uma Ilustração na área econômico-Financeiro. **Repositório Institucional UFSC**, Florianópolis, 2005.

STEWART, III, G. B. **The Quest for Value: A Guide for Senior Managers**. USA: Harper Business, 1999.

_____. **The quest for value**. USA: Harper Collins, 1999.

STEWART, T. A. **Intellectual capital: the new wealth of organizations**. New York: Doubleday, 1999.

STEWART, T. A. **The wealth of knowledge: intellectual capital and the twenty-first century organization**. New York: Doubleday, 2001.

SVEIBY, K. E. **Methods for Measuring Intangible Assets**. Disponível em: <<http://sveiby.com/articles/IntangibleMethods.htm>>. Acesso em: 21 de nov. 2018.

VERDINELLI, M. A. LIZOTE, S. A. Ativos Intangíveis e Desempenho em Empresas Prestadoras de Serviços Contábeis. **XI Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**, 2014.

Wernke, R., & Bornia, A. C. (2003). Estudo de caso aplicando modelo para identificação de potenciais geradores de intangíveis. **Revista Contabilidade & Finanças**, São Paulo, 14(33), 45-64.

WILSON, R. M. S.; STENSON, J. A. Valuation of information assets on the balance sheet: the recognition and approaches to the valuation of intangible assets. **SAGE Publications**. Los Angeles, London, New Delhi and Singapore, V. 25(3), 2008.